

1º Lugar

# O TECEDOR DA CHUVA

DINAH

**Sandra Lyon**

ICB/Medicina

Da última vez que Teodoro estivera naquela cidade, podia-se ver ainda o velho sobrado do fim da rua, caduco na velhice. E agora, olhava sem pressa, os restos de escombros na calçada adivinhando a nova construção de concreto, mesquinhas de hoje. Teodoro respirava a decepção: pensara mesmo em enquadrar o casarão em seus escritos, sob medida na identificação, personagens, tudo. E foi-se afastando devagar de esquina em esquina, o jeito de pássaro noturno, sem rumo, sem pressa, ele. Vez em vez os olhos dependurados em janelas, novas figuras e imaginação latejando dentro dele.

A estória já armada, essas ruas, a sua sala permitiriam sair sem maiores dificuldades no pouco a pouco, tempo a tempo, o livro. E a chuva tamborilando nas vidraças, agora, prometia deixá-lo prisioneiro em casa, sem rumos os seus passos. Mandara chamar o Tônico: preto franzino, o corpo anônimo da idade que carregava, sem os estragos do tempo. E falando alto, desnudava idéias e dentes, as janelas abertas.

Agora: Tônico diante dele, olhava aos arrancos, encolhido no silêncio. Os seus pensamentos que seriam vozes dentro de instantes, abriam-se num risinho no canto da boca. O que não encontrava era a porta de abrir conversas, derramar grossas novidades enfeitadas, o seu jeito de ser.

“Ora, vamos desmanchar isso, Tônico, pra que as cerimônias? E você é lá disso?”

Gargalhadas estalaram pela casa toda, indo rolar na chuva lá fora. Concordava, navegara com Teodoro, sempre que ele ali voltava, em gordurosas conversas. Tônico, os olhos acesos, sem pestanejar, firmes, dando asas à imaginação que voava na frente, desenrolando as estórias do lugar que só ele sabia contar.

“Sou não, procurava mesmo um retalho de céu para mostrar-lhe. Só vi o velho bêbedo sentado na calçada da igreja. E anda lá o tempo penalizado dele. Veja o que eu digo, não aguenta mais dois verões.”

Calou-se. E num mover de queixo indicou a Teodoro um rapaz atravessando a calçada.

“Cidade pequena é isso: acaba um dia. Tem velhos, tem crianças. As crianças crescem e deitam os pés nas estradas. O rapaz ali, as visitas vão rareando, um dia não volta. Meus meninos foram-se assim, uma vez. Nasci nestas terras, não sou pássaro para outras matas. Depois vem a velhice e ninguém repara na velhice.”

O sorriso saiu depressa e Teodoro gotejou mais um pouquinho no que ele dizia:

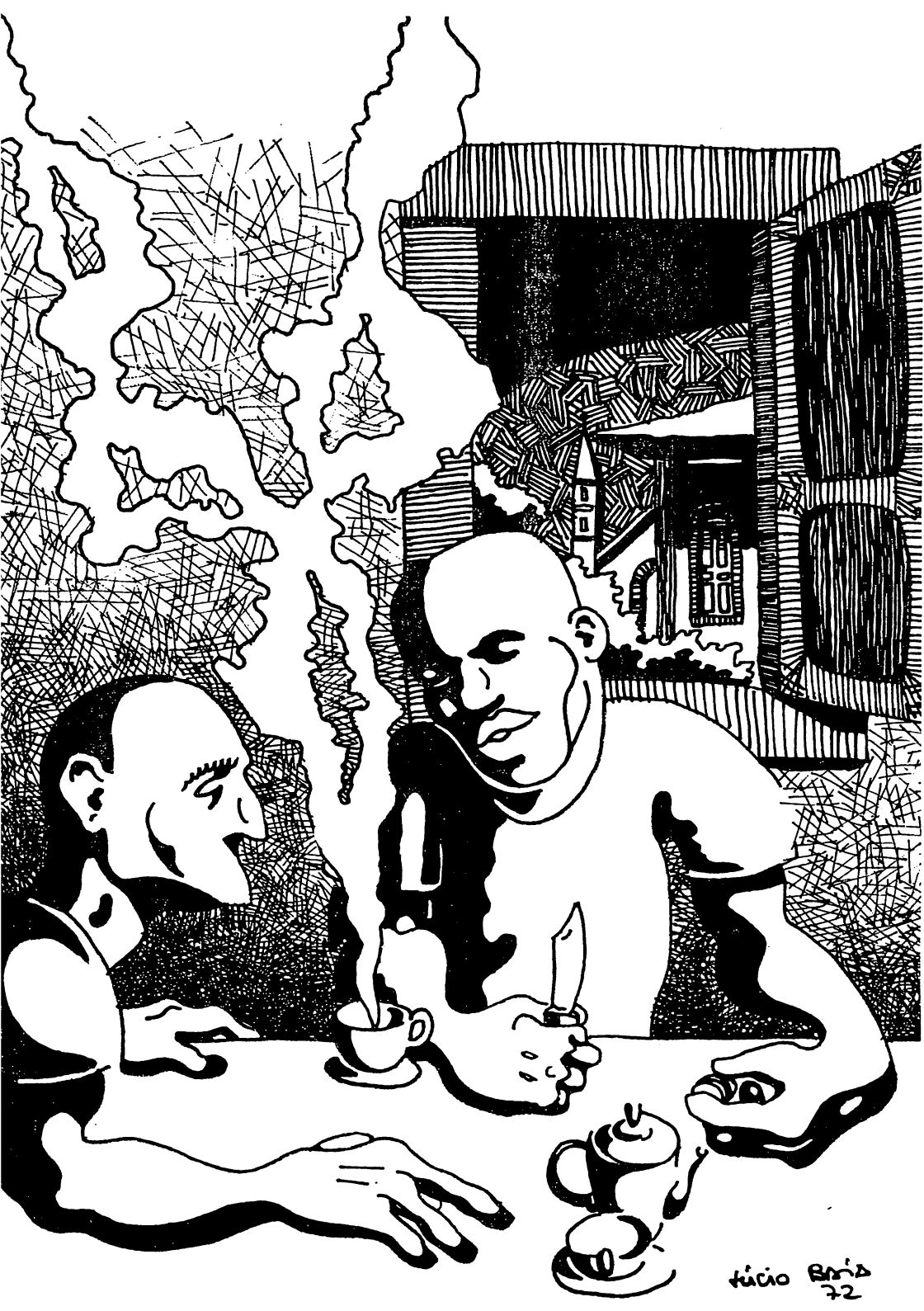
“Sabe o que tem depois dessas estradas, Tônico?”

Curioso, Teodoro recolheu a resposta sem demora.

“Outras cidades, trens de ferro a correrem mundo, outros montes. As diversões, outro jeito de passar o tempo. Depois do vale lá embaixo, eu nunca vi outras meninas de fitas no cabelo, conversas ruidosas ou gente”.

Se aceitava café? Aceitava, sim.

“É para adoçar conversas. Ainda há pouco, vinha da casa do seu Acácio. Lembra-se do seu Acácio? Lá o cafezinho é canção de realejo. E depois para impor respeito vem os grossos



túcio Bn'd  
72

pitos de rolo de fumo. Até arrogância acaba brilhando nos olhos”.

Sorveu os primeiros goles, alongando o olhar até a curva longe do céu, pedindo grandezas maior para as idéias.

“Qualquer dia agradeço aos canarinhos cabeça de fogo, o canto. Aos sanhaços não, fazem uma barulhada lá no quintal da minha casinha amarela. São as duas jaboticabeiras que tenho lá que fazem esses bichinhos deitarem olhos gulosos. Esses moleques de asas inventam de me abreviar o sono nas manhãs. Pardais? Ah, esses são os donos: tem às dúzias.”

“Tônico, logo que venha o tempo firme, quero uma boa caminhada por aí, quero mesmo empoeirar os sapatos nos pés dos caminhos. Vou precisar de você, que me mostre os cantos da cidade: preciso colocar muita coisa nesses papéis, verá.”

“Mas qual! Tem que esperar os cantos das seriemas. Canto de avisar novas chuvas. Só assim vem o tempo bom, poderá até ter os pés doloridos das longas caminhadas. Olhe, as águas do céu ainda vão despejar muito sobre essas terras. Não fica uma casinha de sapé à beira das estradas. E essa friagem sempre grita vitória quando passeio por aí o meu reumatismo.”

Fez uma pausa procurando interesse no rosto de Teodoro: ele, os olhos vigilantes seguiam-lhe todos os passos.

“É, posso esperar a aragem. Mais um dia, mais outro não tem importância”.

“Tem não, pode esticar a permanência aqui, enquanto isto vai tecendo escritos. Pode ser também que a neblina não tarde. Quando menos se esperar, nós afundamos em bater pernas por ruas e becos. Só se sabe.”

Pelas duas da tarde Tônico espiou a chuva miúda na calçada, em carinhos brutos, a enxurrada. Daria para alinhavar mais dois retalhos de prosa, visitados vez em vez por um café ou outro. Teve vontade de fumar e puxou avulsamente cani-

vete, fumo e palha. E dando certeza de distração, perguntou se Teodoro lembrava do seu Acácio. Já não trabalhava para ele, na verdade há muito deixara o trabalho: eram as juntas sempre doendo na promessa da velhice. Continuou na Serra dos Urus, nascido quase ali. Era a sua casinha amarela pálida perto dos ipês. Quando o vento chiava macio lá fora e agosto chegava, os ipês floriam em ouro. A sua Rainha sempre gostara deles e Tônico fizera tudo para ver alegria brotando no rosto dela. Aconteceu que ela se foi um dia e ele passou a ter um brilho de água nos olhos. E por tanto tempo ficara a olhar vago, à toa, enumerando o desinteresse pelos ipês.

“Tinha vezes que ela surgia, sabe. Agora, faz tempo que eu não sinto aquele ar de nuvem, vindo.”

Tônico parou como que descoberto de repente. E se desviou para o lado das montanhas, emoldurando verde o horizonte. Pôs-se a lembrar do filhote de passarinho que caíra do ninho pela manhã e, a essa hora, teria fome e frio. Tinha de voltar para casa, de repente as horas.

Foi quando Teodoro levantou-se para que a janela lhe mostrasse um vulto atravessando a rua na luz mortíça. E, de cima, ainda viu telhados conhecidos, poças de água, aqui e lá, um silêncio de não estar vivendo. Em passos minguados, Tônico atravessou a cidade, cruzou o rio lá embaixo, abraçando a serra dos Urus. Agora: meia légua para os seus calcanhares desfraldarem a estrada acima. Três queixumes, o amarelo dos ipês e garças brancas, brancas para anunciarem novas águas e só. E mais: no pouco a pouco a estória ganharia concreitude no papel, anônima dos passos dele, Urus acima.